



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

EVANGÉLICO, CRISTÃO, CRENTE: UM CASO DE AMPLIAÇÃO DE VALOR SEMÂNTICO PERSCRUTADO NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

Jorge Augusto Alves da Silva*
(UESB)

Lucas Campos Santos**
(UESB)

Valéria Viana Sousa***
(UESB)

RESUMO

O texto discute, a partir de pesquisa realizada no município de Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia, o emprego dos termos “crente”, “evangélico” e “cristão” à luz da teoria funcionalista, especialmente, discutindo o conceito de ressemantização. A pesquisa aponta para o caráter elástico e a flutuação de sentido das terminologias evangélico e cristão, e crente, empregadas, a princípio para caracterizar uma prática religiosa, mas que passam a ser termos balizadores de concepção de mundo. O estudo atesta que a trajetória de mudança de um elemento lingüístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes: o tempo, a cognição e o uso.

PALAVRAS-CHAVE: Ressemantização, Terminologia, Religião.

INTRODUÇÃO

No início do século XVI, no Norte da Europa, manifestações de desaprovação de atitudes da igreja católica tornaram-se constantes. De acordo com Hurlbut

* Doutor, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Aplicada e Grupo de Pesquisa Sociofuncionalismo. E-mail: adavgvstvm@gmail.com

** Doutora, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Grupo de Pesquisa Sociofuncionalismo. E-mail: valeriavianasousa@gmail.com

*** Doutor, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Grupo de Pesquisa em Linguística História e Aplicada. E-mail: lusanpos@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

([1967] 1979, p. 141), no dia 31 de outubro de 1517, ocorreu o mais marcante desses movimentos, foi a data em que Martinho Lutero afixou, na porta da Catedral de Wittenberg, na Alemanha, um pergaminho, contendo noventa e cinco teses ou declarações, não somente relacionadas com a venda de indulgências, mas também à rejeição da autoridade do clero e do papa. Estavam assim lançadas as bases da reforma que, mais tarde, veio a ser qualificada como protestante.

Na Suíça, esclarece Hurlbut (p. 145), a Reforma, apesar de independente do movimento ocorrido na Alemanha, se deu, mais ou menos, simultaneamente. De início, sob a liderança de Ulrico Zuínglio. Mais tarde, com a sua morte, em 1531, sob a direção de João Calvino, “o maior teólogo da igreja, depois de Agostinho”, assinala o autor.

A partir de então, as idéias de Lutero e Calvino, em outras palavras, o protestantismo, se espalhou pelo mundo, dando origem a uma série de congregações, dentre elas a anglicana, a presbiteriana e a batista que, a despeito de divergentes entre si, em muitos aspectos, apresentam dois pontos em comum, o cristianismo e a rejeição à autoridade do papa. Essa doutrina começou ser difundida no Brasil, a partir de 1555 e veio a se fortalecer a partir de 1859, com a chegada de pastores de diversos segmentos congregacionais.

Embora possuindo denominações específicas, esses segmentos congregacionais eram também conhecidos pela designação genérica de protestantes. Entre o final do século XIX e início do séc. XX, os fiéis dessas congregações, por se sentirem desconfortáveis com essa denominação, pois julgavam-na inadequada, passaram a adotar a autodenominação de crentes, termo vigente até hoje, embora com uma frequência muito baixa, como poderá ser visto no quadro 1, adiante. A partir do final do séc. XX, as congregações religiosas não-católicas passaram a adotar outros dois termos para se identificarem: cristãos e evangélicos.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Cristãos, evangélicos e crentes: o caso de Vitória da Conquista – BA.

Haveria uma equivalência entre as denominações “cristãos”, “evangélicos” e “crentes”? Os grupos religiosos que têm como base os dogmas bíblicos se auto-denominariam sem haver especificação? Católicos reconhecem-se como crentes? Qual a relação do “lócus” religioso e a etiqueta do conceito?

Tais questionamentos podem ser mais bem esclarecidos através da pesquisa que empreendemos entre os meses de novembro e dezembro de 2007, em Vitória da Conquista, terceira maior cidade do Estado da Bahia, com 300.000 habitantes, situada na região Sudoeste, a 530 quilômetros da capital Salvador.

Os informantes foram selecionados a partir de três faixas etárias:

- (1) de 15 a 30;
- (2) de 31 a 50;
- (3) acima de 50 anos de idade.

Foram, portanto, consultadas 150 pessoas, o que corresponde a 0,05% da população. No que pese a relativa inexpressividade do número de pessoas consultadas, vale o aspecto qualitativo das respostas, visto que a nossa intenção não se refere à quantificação de adeptos desta ou daquela congregação ou religião, mas sim à forma como as pessoas ligadas às congregações religiosas oriundas do protestantismo se identificam.

Como pano de fundo para a consulta, lançamos mão da questão de múltipla escolha: “Você (O Sr. ou A Sra.) acha que, nas próximas eleições, o povo votará com mais consciência?”. Essa pergunta apresenta três opções como resposta: SIM; NÃO ou NÃO SEI. Em seguida, as pessoas respondiam a um questionário:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Nome (apenas o pré-nome);
Idade (item registrado a partir das faixas etárias)
Religião (questão aberta: Qual é a sua religião?
Ou “Qual a religião do (a) Sr (a)”?

Apenas para que a entrevista não fosse encerrada abruptamente, a ficha de consulta foi dotada de mais duas questões opcionais, as quais, naturalmente, não foram apuradas neste trabalho.

Uma diz respeito à escolaridade e a outra à coleta de alguma informação complementar, obtida através de conversa informal, quando a situação assim o permitia. Essa última era formulada do seguinte modo:

Você (O Sr. ou A Sra.) gostaria de fazer algum comentário a respeito da situação política do país?

Na maioria dos casos, mesmo sem a formulação da pergunta, o(a) entrevistado(a) tecia comentários, alguns informantes a respeito da situação política do país, outros a respeito do assunto religião.

O aspecto sócio-econômico, também, não foi levado em consideração, mas, para que pudéssemos consultar pessoas de menor e maior poder aquisitivo, as entrevistas foram realizadas tanto em bairros populares, quanto em bairros de classe média e média alta.

Para que possamos realizar a análise do fenômeno de ressemantização em evidência, a partir dos dados coletados, construímos dois quadros, o quadro 1, contendo a distribuição dos informantes por opção religiosa e o quadro 2 com o cruzamento da indicação da faixa etária X religião/congregação dos entrevistados.

Quadro 01 – Distribuição geral da opção religiosa

Religião	Quantidade	%
Batista	3	2
Católica	72	48

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Crente	9	6
Cristã	29	19
Espírita	3	2
Evangélica	31	21
Não tenho	3	2
Total	150	100

Fonte: Pesquisa de campo

Quadro 02 – Opção religiosa por faixa etária

Religião	15 a 30	31 a 50	+ de 50 anos	Total
Batista	1	1	1	3
Católica	20	23	29	72
Crente	0	0	9	9
Cristã	13	12	4	29
Espírita	0	3	0	3
Evangélica	15	10	6	31
Não tenho	1	1	1	3
Total	50	50	50	150

Fonte:

Pesquisa de campo

O segundo quadro nos permite à primeira vista tecer, pelo menos, três considerações mais gerais:

1. A denominação crente foi encontrada apenas entre os falantes da faixa etária 3, o que, a princípio, pode ser um indicador da preferência dos mais jovens pelas outras duas: cristão e evangélico, com o conseqüente desuso, em um futuro próximo, daquela

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

expressão.

2. A designação católico encontra-se bem distribuída entre as três faixas etárias, o que representa um indício de estabilidade de identificação dos fiéis desse segmento religioso, através dessa denominação, o que pode indicar que, do ponto de vista lingüístico, não está havendo uma disputa ou concorrência pelas designações aqui apreciadas, ou seja: cristão, evangélico e crente.
3. A preferência de identificação através das designações cristão e evangélico, entre os fiéis ligados às congregações advindas de Lutero/Calvino, recai sobre as duas primeiras faixas etárias. Esse fato nos permite admitir que essas denominações tendem a se estabilizar entre esses segmentos, o que, de certo, favorecerá o processo de ressemantização aqui defendido.

Antes de tecermos os comentários sobre o primeiro quadro, lembramos que, se não impossível, será difícil encontrar na história das línguas algum fato de mudança abrupta ou repentina: todo fenômeno de mudança lingüística ocorre de maneira lenta e gradual.

A alteração semântica por que passam os itens em sua utilização gramatical ou discursiva. Acompanhando sua recategorização gramatical, os itens podem ser **ressemantizados**, sofrer alterações na direção de seu escopo ou em sua abrangência fórica, e assim por diante (CASTILHO, 1997, p.60, grifo nosso)

Logo, entendemos aqui como ressemantização a alteração de valor semântico por que podem passar os itens lexicais.

Com esse ponto de vista, acreditamos que esse processo ocorra em etapas ou fases, sendo a primeira delas a de ampliação do significado, em relação àqueles com que se apresentam dicionarizados.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Essa lógica nos permite julgar que as expressões: evangélico, cristão, e crente, neste momento, se encontram nessa fase, ou seja, sendo submetidas a um processo de ampliação do valor semântico com que normalmente se encontram registradas nos dicionários.

Analisando o **quadro 1**, podemos observar que do ponto de vista funcional, neste momento, podem ser creditados três valores semânticos a essas expressões, quais sejam:

1. O de identificação como seguidor/pregador e crente em Cristo e nos evangelhos.

Essas acepções das palavras em estudo correspondem aos seus significados de base, indicados pelos dicionários. (Até aí, nenhuma novidade). O que chama a atenção é que, além desses sentidos elas permitem ao receptor entrever ou admitir:

2. A incorporação (agregação) do valor semântico de 'não-católico' e

3. A sugestão de que os católicos não são cristãos ou evangélicos, ou seja, não são seguidores de Cristo ou pregadores dos evangelhos.

Podemos representar esse pensamento através do seguinte esquema gráfico:

SIGNIFICANTE

SIGNIFICADOS SIMULTÂNEOS

em Deus/Cristo

Seguidor de cristo/pregador dos evangelhos/crente

Evangélico/cristão/crente

Não-católico

Deus/Cristo

O católico não é evangélico nem cristão nem crente em

Apreciando, inicialmente o aspecto mais geral, aquele que diz respeito à



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mudança lingüística, tomando por base a assertiva de Martelotta (2003a, p. 69), de que a mudança lingüística deve ser entendida como um fenômeno tridimensional: a trajetória de mudança de um elemento lingüístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes. Quais seriam tais aspectos: o tempo e, sobretudo, a cognição e o uso.

Podemos observar que, no fenômeno em discussão, o mecanismo da pressão da informatividade apresenta-se incrementado por aqueles três elementos, visto que, em função do constante uso, e com a ação de mecanismos cognitivos, as pessoas vão sendo, com o tempo, como que familiarizadas com as expressões evangélico e cristão, com maior intensidade e crente, ainda que essa com uma freqüência menor (Cf. quadro 1), a partir do seu triplo valor semântico, anteriormente esquematizado, fenômeno que se configura, no momento, como o início do processo de ressemantização dessas palavras: o processo de ampliação do valor semântico.

Com a ação do fator tempo, as expressões, poderão, talvez, atingir um grau pleno de ressemantização, em que o significante seja associado a um novo significado, que poderá ser o seguinte: 'apenas X é cristão e/ou evangélico e ou crente', em que X representa as múltiplas congregações protestantes.

Se tempo é fator necessário para que os processos de mudança se façam sentir, cognição e uso são de fundamental importância para uma teoria que interpreta as línguas humanas como o reflexo do comportamento, no ato concreto da comunicação, das restrições cognitivas associadas à captação de dados da experiência, à sua compreensão e ao seu armazenamento na memória, assim como à capacidade de organização, acesso, utilização e transmissão adequada desses dados. Nesse sentido, a mudança ocorre pela necessidade diferenciada da atuação desses fatores cognitivos, que é ditada no contexto de cada distinta situação de comunicação. (MARTELOTTA 2003a, p. 69).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Abordando um aspecto mais particular, ligado, especificamente, ao possível processo de ampliação semântica, rumo à ressemantização dos vocábulos em estudo, podemos afirmar com base em Guiraud (1989, p. 15) que, sendo o signo um estímulo associado a outro estímulo do qual ele evoca a imagem mental, a significação pode ser encarada como um processo psíquico que se passa no espírito, através de uma associação de natureza psíquica: não são as coisas, mas as imagens mentais das coisas e a idéia que delas fazemos que estão associadas em nosso espírito, defende o autor. Isso nos permite afirmar que a associação que o falante/ouvinte pode fazer a partir das expressões em análise, atribuindo-lhes e/ou acrescentando-lhes novos significados pode ser encarada como fruto desse mecanismo cognitivo.

Essa ótica pode ser apoiada pela indicação de Martelotta (2003a, p. 70) de que devemos deixar de lado a proposta tradicional da semântica da referência, segundo a qual uma expressão lingüística é convencional e idiomatizada, semanticamente autônoma e capaz de fazer referência à realidade objetiva.

A realidade possui existência independente da compreensão humana, tendo como conseqüência o fato de as afirmações poderem ser objetivamente verdadeiras ou falsas. A significação, ao contrário, parece ter um caráter elástico, pois se estende, adaptando-se a diferentes contextos, em função de necessidades comunicativas localizadas.

Nesse sentido, o autor cita Marcuschi (2000), para quem a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que os elementos lingüísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido.

Podemos enxergar claramente o caráter elástico e a flutuação de sentido das terminologias evangélico e cristão, e crente, empregadas, a princípio para caracterizar uma prática religiosa, mas que, acabam espreado sua significação

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

conforme esquematizado anteriormente.

A situação comunicativa real é o palco, no qual a atuação inovadora do falante cria novos significados que são ratificados no curso da interação verbal, conforme Martelotta (2003a)

Nesse caso, devemos compreender a significação como algo que depende do contexto, o que significa admitir que os elementos lingüísticos não tenham uma total autonomia semântica ou um sentido apenas dicionarizado, relacionado à sua estrutura como elemento autônomo.

O autor assinala que essa posição teórica pode ser vista em Lakoff e Turner (1989), autores que, embora neguem a teoria do sentido literal, defendem a existência de alguns conceitos autônomos, como cachorro, mas a noção de lealdade do cachorro só pode ser compreendida por meio de uma metáfora, que relaciona o comportamento do animal com uma característica humana.

Tal concepção está muito associada a uma visão sincrônica da linguagem e permite a argumentação de que os chamados conceitos autônomos são, na realidade, elementos automatizados ou idiomatizados, no sentido de que sua origem perdeu-se com o tempo e que seu valor atual, livre da presença de seu uso motivador, deixa de construir, esclarece Matelotta com base em Bloomfield (apud MCMAHON, 1996), um sentido marginal (estendido de um sentido central anterior), para assumir o status de sentido central, a partir dos quais passam a se desenvolver outros sentidos marginais.

A ideia da existência de conceitos autônomos se enfraquece quando pensamos que conceitos hoje aceitos como convencionais são, na verdade, resultado de mudanças semânticas, cujas origens perderam-se com o tempo.

Acreditamos que essa postulação teórica pode ser perfeitamente aplicada ao fenômeno de ressemantização aqui proposto. A atitude real de identificação das pessoas integrantes das congregações anteriormente denominadas protestantes

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

acaba sugerindo os novos significados:

- (i) não-católico;
- (ii) (ii) o católico não é nem evangélico nem cristão, significados esses que, aos poucos, se vão cristalizando no seio da comunidade de fala.

O mecanismo cognitivo ganha operacionalização à medida que os predicativos comuns ao catolicismo e às congregações remanescentes da Reforma passam a ser utilizados como elementos identificadores de apenas um desses elementos, as congregações protestantes, processo que, por si só, como que subtrai esses atributos do outro elemento, o catolicismo. Provavelmente, esse será o caminho que elevará os novos valores semânticos dessas expressões ao status de sentido central, o que caracterizará a consolidação do processo de ressemantização aqui apontado.

Refletindo a “motivação da ressemantização”.

Com base em Halliday (1973, p.104), (cf. p. 4) assinalamos que função não se refere aos papéis desempenhados pelas classes de palavras ou pelos sintagmas, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos.

Com esse escopo, podemos afirmar que a adoção das denominações cristão, evangélico e crente, pelos adeptos das congregações nascidas da Reforma cumpre uma função, qualquer que seja. Essa função pode simplesmente estar ligada à necessidade de uma terminologia eficiente de auto-identificação, visto que a terminologia inicial protestante lhes fora imputada e não escolhida por eles mesmos.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O fato de essas denominações passarem a experimentar o processo de ressemantização aqui indicado pode ser atribuído a um mero acaso, visto que, conforme a epígrafe que abre este texto: “A semântica cognitiva se assenta precisamente na capacidade humana de imaginação e a integração está no centro da imaginação.” (FAUCONNIER 2000 apud Castilho 2001, p. 29).

Por outro lado, porém, Guiraud (1989, p. 27) defende que o signo é arbitrário na medida em que não existe entre o significante e o significado alguma relação além de uma mera convenção entre emissor e receptor, caso contrário o signo pode ser motivado.

Nesse sentido, o autor pondera que Saussure visava à teoria de uma origem onomatopaica dos sons, sem excluir a noção de motivação em outros planos e informa que há, nesse campo, três noções, a de arbitrariedade, a de motivação e a de convenção.

A noção de arbitrariedade se opõe à de motivação e refere-se à convencional, tendo em vista que na ausência de qualquer motivação, a convenção fundamenta o significado. “Mas ‘convencional’ não exclui motivado”, alerta. Olhando a questão desse ângulo, não podemos descartar a possibilidade de adoção das terminologias: cristão, evangélico e crente terem sido motivadas.

CONCLUSÕES

Com este estudo de caráter científico, pretendemos apenas prestar uma contribuição para a ciência da linguagem, ao analisar indícios de um fenômeno de mudança lingüística. De modo algum, temos o objetivo interferir nas relações diplomáticas entre as congregações ou segmentos religiosos aqui citados, unicamente por força da necessidade de expor os fatos e construir a argumentação.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: C.E.N., 1976.
- CÂMARA JR. Joaquim. **Princípios de lingüística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- CASTILHO, Ataliba. de. A gramaticalização. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: EDUFBA, 1997.
- CASTILHO, Ataliba. **Introdução à lingüística cognitiva**. São Paulo: Relatório Científico submentido à FAPESP (Proc. 99/10399-9), 2001.
- CASTILHO, Ataliba. **An approach to language as a complex system**. New issues in Historical linguistics. São Paulo: Relatório Científico CNPQ (Proc. 306363/2004-6), 2007.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, ([1958] 1979).
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. 5. ed. Trad e adaptação Maria Elisa Mascarenhas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.. **Explorations in the functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.
- HURLBUT, Jesse. **História da igreja cristã**. São Paulo: Vida, [1967] 1979.
- LANGACKER, R. Syntactic reanalysis. In: LI, C. **Mechanisms of syntactic change**. Austin: University of Texas Press, 1977.
- LUCCHESI, Dante **Sistema, mudança e linguagem**. Um percurso da Lingüística no século XX. Lisboa: Colibri, 1995.
- MARTELOTTA, Mário. A mudança lingüística. In CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela, MARTELOTTA, Mário. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003a.
- _____; AREAS, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela, MARTELOTTA, Mário. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003b.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, [1997] 2001.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina. (Org). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Chistina (Org). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 17-46.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 18, 19, 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. Trad. Ute Bärnet-Fürst. In: **D.E.L.T.A.** v. 10. Especial. São Paulo: D.E.L.T.A, 1994.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística** Trad. Gustavo Ribeiro da Gama (Coord. Célia Marques Telles) Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. Tradução não comerciável.